

# INFÂNCIA NO INFERNO: UM LUGAR NA FICÇÃO DE ANTÔNIO CARLOS VIANA

*Georgina Martins (UFRJ)*<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio investiga como a ficção é capaz de representar a manifestação do insólito no cotidiano da infância pobre, bem como o lugar que a criança ocupa na literatura de Antonio Carlos Viana. Investiga-se como a literatura é capaz de iluminar essa relação e como a estratégia discursiva de Viana dá conta de representar e denunciar a situação da infância desvalida do nosso país. Para tanto analisaremos os contos: *O meio do mundo* (2004), *Barba de arame*, *Ana Frágua* e *Novidade* (2005).

**Palavras-chave:** Antônio Carlos Viana, infância, literatura engajada.

**Abstract:** This paper investigate how fiction is able to represent the manifestation of the unusual in everyday life of poor children, as well as the place the child occupies in the Antonio Carlos Viana's literature. It investigates how literature can illuminate this relation and how the Viana's speech represents and denounces the situation of disadvantaged childhood in our country. For this, we will examine the short stories: *O meio do mundo* (2004), *Barba de arame*, *Ana Frágua* e *Novidade* (2005).

**Keywords:** Antonio Carlos Viana, childhood, engaged literature.

## INTRODUÇÃO

Esta é a segunda vez que venho a Aracaju, a primeira foi por conta de uma palestra no Proler, ocasião em que tive a honra de dividir uma mesa com Antonio Carlos Viana, que até então me era inteiramente desconhecido. Naquele dia eu sequer podia imaginar que estava diante daquele que em muito pouco tempo se tornaria um dos meus autores favoritos. Não tenho muitos, na verdade, apenas três, que enumero por ordem alfabética: Amós Oz, Antonio Carlos Viana e Graciliano Ramos.

Após a palestra, fui presenteada pelo próprio autor com um exemplar de *O meio do mundo* e outros contos, do qual nunca mais me separei. Minha leitura do livro começou no avião, na volta pra casa, e continua até hoje, pois ele me acompanha nas aulas de literatura, nas palestras, nas conversas sobre estética e até mesmo no bate-papo com os amigos; além de, junto com os outros livros do autor, constituir o material de pesquisa da minha tese, sobre o qual venho me dedicando com paixão; o que não é uma tarefa fácil, já que os livros de Antonio Carlos nunca terminam de dizer o que têm

---

<sup>1</sup> Doutoranda em letras vernáculas da UFRJ. Integra a equipe de coordenação e planejamento dos projetos de literatura infantil e juvenil da Faculdade de Letras da UFRJ

pra dizer, por isso são clássicos, conforme nos ensina Ítalo Calvino, no livro *Por que ler os clássicos*.

Nessa primeira leitura, a do avião, a estrutura narrativa, o cenário, o ritmo e o vocabulário me levaram de volta a um passado de filha de cearense que, ao mesmo tempo em que se deleitava com as histórias da terra natal de seu pai, amargava a vergonha de ser identificada como filha de retirante nordestino: homem de baixa estatura, cabeça chata e sotaque carregado, que falava cebola, apesar da insistência de minha mãe em ensinar-lhe que no Rio de Janeiro se falava cebola: – Pronúncia correta, dizia ela em reverência à imposição lingüística do sul maravilha. Felizmente as considerações de minha mãe e a imposição lingüística carioca não conseguiram mudar o sotaque de meu pai, muito pelo contrário, só contribuíram para reforçar e destacar ainda mais as marcas lingüísticas e culturais que trazia. Marcas essas que, apesar da distância que separa o Ceará de Aracaju são por mim identificadas no texto de Antonio Carlos, o que, no entanto não faz de sua obra uma mera representante de um estilo que convenciou-se chamar de regionalista.

Há muito que a crítica habituou-se a taxar de regionalista a produção literária dos autores do Norte e Nordeste e alguns poucos do Sul, como se os outros estados do país não fossem igualmente divididos em regiões e seus autores não estivessem vinculados a nenhum contexto histórico e geográfico. Nesse sentido não poderíamos reconhecer Rubem Fonseca, por exemplo, como um escritor regional? Não poderíamos pensar em regionalistas do Sul, do Sudeste e Centro-Oeste? Por que não cariocas e paulistas regionalistas?

No entanto a obra de Antonio Carlos é maior do que essa discussão, que penso ser muito mais geográfica do que literária; e é da complexidade literária de seus textos que desejo falar para homenagear o meu autor preferido.

Pretendo, aqui, me debruçar sobre alguns contos de Viana, especificamente os que se referem à criança, já que o objetivo deste trabalho é investigar a representação da infância pobre — o que não falta em suas narrativas. Para isso escolhi três contos: “O meio do mundo”, “Barba de arame” e “Novidade”, publicados em *O meio do mundo e outros contos*<sup>2</sup> e *Aberto está o inferno*<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> VIANA, Antonio Carlos. *O meio do mundo e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>3</sup> ----- *Aberto está o inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Por pretender investigar a representação da criança na ficção do autor, optei por selecionar contos que se caracterizam por múltiplas abordagens da infância: seja por oferecer visões de adultos sobre personagens infantis, por se constituírem como olhares de crianças sobre a infância, ou por serem memórias da infância de narradores adultos.

Narrativas sobre morte, violência, infância, sexo e fome, ambientadas, em sua maioria, na aridez do solo nordestino. Textos que se constituem num importante material de análise e reflexão das durezas da vida. Suas personagens são os desvalidos desse país, personagens obrigados a conviver com toda a sorte de iniquidades; quase nunca experimentam a alegria, e quando o fazem é sempre à custa de muita dor, ou como resultado dela.

Em suas raras andanças pelo país, quando é convidado a falar de seus livros, Viana resiste o quanto pode; segundo ele, fruto de uma timidez crônica, que, felizmente, não o impede de desnudar suas personagens, que se deparam, constantemente, com o assombro, a violência e o encantamento diante do sexo. Personagens colocadas em situações-limites, que, em geral, perdem a inocência de maneira abrupta e dolorosa.

Outra característica desse autor que merece destaque é seu papel como professor: muito mais preocupado em formar leitores do que brilhar no cenário das belas letras. Viana, depois do seu doutorado na França, declara que optou por voltar ao começo e trabalhar com jovens que precisavam aprender a ler e a escrever de verdade. Mais um motivo da minha admiração pelo autor, que ciente da importância do seu papel de intelectual em um país como o Brasil se volta para a formação estética de jovens pobres.

“O meio do mundo”

A primeira questão a ser destacada em relação a esse conto é a dificuldade em definir a natureza do narrador, uma vez que ele tanto pode ser uma criança que conta casos que lhe tenham acontecido, quanto um adulto que narra suas memórias de infância. Tal indefinição não nos parece configurar-se em defeito da narrativa, mas sim numa proposta estética de um autor cujas personagens infantis integram um contexto hostil e miserável, geralmente dando seus primeiros passos na aridez do solo nordestino – premissa que leva o autor a delegar-lhes um outro destino que não o da infância feliz, assinalando a ausência (ou no limite, a dimensão ficcional) desse lócus historicamente merecedor de atenções e cuidados e especiais.

Independente de o narrador ser um menino que conta sua experiência ou um adulto que a rememora, temos situações ocorridas no passado, portanto memórias do narrador.

A narrativa versa sobre a perda abrupta da inocência. O narrador, num exercício doloroso de recuperação de sua memória da infância, remete-nos ao tempo em que se deu a sua iniciação sexual, tramada pelo pai em furtivas conversas com a mãe. Ignorante de seu destino, obrigado a acompanhar o pai por uma estrada árida, o menino deu-se em sacrifício.

Na noite em que antecedeu a viagem, das conversas furtivas entre o pai e a mãe, o menino somente conseguira deduzir que lhe fora reservada uma empreitada urgente e inevitável, cuja gravidade intuída era suficiente para inibir sua curiosidade infantil. Sabia apenas que era preciso seguir os passos do pai:

A estrada era comprida que nem só, mais ainda que a do mulungu onde a gente ia ver o doutor uma vez por ano. Meu pai na frente, calado mais que nunca, o sol ardendo na cabeça... E lá íamos no silêncio da areia quente esfolando os pés, minha alpercata mais comida que a correia de amolar faca. (VIANA, 1999, p.13)

No processo de narração de suas memórias, as imagens que ele evoca, como a imprecisão do caminho, o silêncio dos pais e a aridez do ambiente, parecem antecipar o desfecho quase trágico de sua entrada no mundo adulto, marcada, principalmente, por uma percepção de desamparo no meio do mundo. Sentimento que nos remete ao abandono igualmente experimentado pelas personagens infantis de narrativas como O pequeno Polegar e João e Maria, obrigados precocemente a trocar a proteção paterna pela entrada na dureza da vida adulta.

No entanto, apesar de experimentar sensações parecidas com as vivenciadas por aquelas personagens maravilhosas, o menino do conto não habita um universo mágico, tampouco retorna à casa paterna levando tesouros. Sua realidade, a de garoto nordestino pobre, é dura e árida, sem lugar sequer para expectativas de finais felizes. Ainda assim identificamos uma atmosfera parecida com a que envolve as tais personagens maravilhosas; construída a partir de índices como os sussurros partilhados entre o pai e a mãe, a ignorância do menino quanto ao seu destino, a urgência da empreitada e o papel de guia místico que o pai desempenhou durante o trajeto:

Na verdade eu nem sabia onde estava indo. Vagas conversas na noite, meu pai pedindo as poucas economias à minha mãe, dizendo que estava faltando remédios para carrapato e que tinha de negociar uns cabritos no caminho da Vargem Grande. Quando acordei já estava tudo pronto e só faltava partir.(p. 13)

O silêncio do pai durante a viagem só foi rompido para entabular uma conversa amigável com a dona da casa – a carvoeira que fazia vezes de prostituta – que, diferente do menino, sabia exatamente qual era o seu papel na história:

Meu pai começou a conversar como se fosse seu velho conhecido e estivesse agora atualizando a vida. Ela só ria, como se estivesse entendendo e não tivesse nada para contar. (p.14)

Abandonado pelo pai na casa da tal mulher, uma representação nordestina da bruxa européia da casa de doces, ainda sem entender o que o esperava, o menino deu seus primeiros passos em direção aos descaminhos do sexo. Sentimentos como medo, nojo e prazer foram experimentados por ele durante o contato com o corpo “fedorento e empretecido de carvão” que a iniciadora não se preocupava em esconder. Assombrado diante daquela situação assustadoramente natural, deu-se conta de que nunca mais seria o mesmo.

Tais sentimentos também são partilhados pelo leitor, que se percebe igualmente assombrado com o tom insólito desse excesso de naturalidade. Tão insólito quanto a decisão tomada pelo pai de lançar mão das poucas economias da família, em detrimento da compra de remédios para carrapatos, a fim de pagar a iniciação sexual do filho com uma mulher mais velha. Atordoado e excitado, o menino se depara com os primeiros prazeres daquele sexo urgente e necessário:

puxou um peito para fora e fez como quem ia dar de mamar. O tempo parecia se encompridar com meu corpo naquela hora... E o calor amornando o meu pescoço. A mulher fedia. A blusa toda aberta, um peito pulando quente em minha boca, fornido, preto de carvão aqui e ali, até no bico de um rosado triste. (p.15)

Inseguro e amedrontado deixou-se comer pela única bruxa possível daquele ambiente inóspito. Como se em algum canto de sua memória ecoassem pedaços das narrativas maravilhosas e daqueles outros meninos tão desamparados quanto.

E ela me virou no chão, a esteira dura me espetando as costelas, ela por cima, eu por baixo, eu por cima, até que me sacudi todo e ela ficou na pose de São Sebastião da parede do meu quarto, um braço largado ao longo do corpo, o outro por trás da cabeça, mostrando sua chaga viva. (Ibidem, p.15)

Depois do sexo, como se perdido no meio do mundo, o menino pressentiu que o pai não iria buscá-lo, precisava voltar sozinho, apesar da lonjura e da aridez do caminho. Oscilando entre a necessidade de ser protegido e o desejo de abandonar-se, se deu conta de que estava mudado de uma maneira irreversível, pois já não podia contar com a proteção dos seus, uma vez que acabara de perder a inocência. Sua entrada no mundo adulto, embora de forma abrupta e violenta, havia sido concluída.

Adeus pai, adeus mão, foi o que veio na minha cabeça, como se fosse uma despedida de viagem, que eu nunca mais que fosse ser o mesmo quando fosse pedir a benção no outro dia, à minha mãe (p. 15)

Do ponto de vista da estruturação do conto, Viana, não só repete como enfatiza alguns aspectos tradicionalmente explorados pelas narrativas maravilhosas, como a atmosfera de ritual iniciático que paira sobre o menino desde que os pais começaram a tramar a primeira experiência sexual dele. Tal aspecto também nos permite afirmar ser essa mesma atmosfera que encontramos nas descrições dos rituais de sacrifício, muito embora, nesse caso, esse ritual desempenhe uma outra função, que não a de aplacar a ira dos deuses. Nesse sentido, destacamos duas importantes características da natureza sacrificial observadas por René Girard<sup>4</sup> que podem servir para iluminar nossa hipótese: a primeira delas é a necessidade de um certo desconhecimento por parte dos envolvidos que participam dos rituais de sacrifício, uma vez que o aspecto “muito sagrado” do ato exige que algumas coisas se mantenham em segredo, como forma de preservação desse muito sagrado. A segunda é o fato de, na maioria das sociedades primitivas, as crianças e adolescentes não iniciados não pertencerem às suas comunidades, e, conseqüentemente, não terem seus direitos e deveres legitimados enquanto não ocorrer a iniciação; e tanto uma quanto outra característica constituem-se em significativos índices iniciáticos na prosa analisada.

O menino, por ser portador da natureza de macho, tinha por função perpetuar a masculinidade, mas somente depois que ocorresse a confirmação dessa natureza, o que

---

<sup>4</sup> GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

se dá pelo sacrifício. Levado pelo pai à casa da carvoeira ele fora iniciado no mundo masculino, principal condição para ser aceito entre seus pares.

No entanto, para não descartar uma perspectiva sociológica na análise em questão, é importante observar que, muito embora o menino não tivesse sequer sido informado da decisão paterna, não caberia a ele julgá-la, pois sabia ser dever do pai garantir a macheza dos “meninos homens”, tal como prescrevem os preceitos pedagógicos que, no Brasil, tem origem nas aberrações do sistema escravocrata, legitimador da iniciação sexual dos filhos de senhores do engenho com as escravas: mal os meninos brancos entravam na puberdade, não só eram incentivados, como, muitas vezes, obrigados a deitar-se com elas — o que ocorria entre os doze e treze anos.<sup>5</sup>

precocidade do desejo sexual dos sinhozinhos de engenho, segundo Gilberto Freyre, na sua peculiar interpretação dos costumes do Brasil colonial, devia-se às condições climáticas do País e à promiscuidade:

Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar os filhos maricas ou donzelões. [...] O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeeiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em emprenhar negras, aumentado o rebanho e o capital paternos. (Freyre. p. 245)

Gilberto Freyre destaca ainda que, antes do uso das negras pelos sinhozinhos, os primeiros aprendizados do sexo se davam com plantas e animais: melancias, mandacarus e as criações domésticas; e só mais tarde é que vinham o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata.<sup>6</sup>

Tão preconceituosa e estereotipada quanto a fala de Gilberto Freyre na citação em destaque é a do narrador de Viana no conto em questão, que, apesar de não ser um sinhozinho de engenho, habita um território marcado pelas contradições do choque de convivência entre dois Brasis: o moderno e o arcaico. E as contradições desse enredo fazem par aos termos a que recorre para perceber a mulher durante o ato sexual:

A mulher fedia [...].

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 425.

<sup>6</sup> *Loc. cit.*

[...] e quando arrebentou a saia já era outra mulher, mais ainda pintalgada de carvão, mas com força igual de égua quando entesta de ir beber no poço.

Escanchou-se que nem eu correndo desembestado em cima do cavalo do seu Zé do Adobe pelo pasto estorricado.(VIANA, p. 15)

### BARBA DE ARAME

Ao afirmar que em toda humanidade existe um núcleo da infância, e que este núcleo se configura em espaço de poesia e de sonho, lugar onde os poetas vão buscar o alimento para o fazer poético, Bachelard parece ratificar a posição de Freud, quando o mestre da psicanálise, em suas teorias sobre o narcisismo, afirma ser a aparência beatificada e inacessível da criança – estado de espírito de bem-aventurança – um dos principais motivos pelo amor narcísico que nós, adultos desamparados e sofridos, dedicamos as nossas sublimes criancinhas. Partindo dessa premissa podemos afirmar que a nossa atávica admiração pela infância tem origem no medo de envelhecer, de ter o corpo corrompido pela ação do tempo. Um dos principais medos do homem, segundo Freud.

Admiramos nossas crianças muito mais pelo desejo de encontrar nelas aquilo que fomos um dia. Dai o nosso desconforto diante dessa infância incômoda, que Viana, vira e mexe, nos apresenta em sua ficção, cujos corpos sujos e esqueléticos, corrompidos pela miséria, são incapazes de aguçar a nossa admiração narcísica, como é o caso da protagonista de Barba de arame. Menina que, junto com sua mãe, perambula pelos manguezais, entregues à própria sorte, à cata de caranguejo e maçunin – um tipo de marisco –, para comer.

Já não agüentava mais comer maçunin e caranguejo. Estava ficando uma mocinha e tinha vergonha de cagar no descampado com os pés quase dentro da água podre, de fazer todas as necessidades assim em campo aberto, correndo quando via alguém, como naquela manhã, quando ele a viu mijando na beira do mangue. (VIANA p.40)

Se num primeiro momento as especulações de Bachelard e de Freud dão conta de explicar o nosso desconforto, analisadas sobre outro prisma, à luz de uma perspectiva gramsciana, podemos afirmar que ambos os pensadores, como grandes ideólogos, especularam sobre uma infância idealizada, o que, em nossa avaliação, não dá conta de explicar essa outra infância pobre e feia, em constante estado de decomposição, pertencente à “sociedade dos caranguejos”.



A trajetória dessa protagonista é contada por um narrador que, apesar de não se preocupar em identificá-la pelo nome — o que ocorre apenas em um momento da narrativa, quando a mãe suspeita que ela já perdera a virgindade —, a conhece intimamente, a ponto de quase se confundir com ela, incorporando muitas de suas impressões e sensações, como em um possível gesto de solidariedade. Intimidade que, em nossa avaliação, tem origem no conhecimento de causa que o narrador possui dessa realidade insólita, muito embora não obrigatoriamente faça parte dela.

Olhou-a com os olhos azuis de Jesus-Deus, sorriu de um jeito tão compreensivo que nem teve medo quando ele se aproximou. Pareceu compreender toda vergonha que ela sentia. Por isso, foi com ele ver a casa abandonada, ele, tão diferente dos outros que andavam por ali, com aqueles cabelos longos e amarelos.(VIANA, 41)

Apesar de o conto tratar também da perda da infância, diferente do menino de O meio do mundo, a primeira experiência sexual da menina não pode ser analisada à luz de uma compreensão ritualística, uma vez que, além de não se configurar em uma experiência urgente e necessária para sua entrada no mundo adulto, é fruto de uma prática que tem por princípio a violência pela violência, cujo autor é um desconhecido que a menina passa a chamar de Jesus-Deus, por achá-lo semelhante à imagem de Jesus do calendário que havia em seu barraco. Para a menina ele era um homem bom — que, além de não rir quando a viu fazendo xixi no meio da lama, prometera realizar seu maior desejo: possuir uma latrina, para que não precisasse mais fazer suas necessidades ao ar livre, na lama do mangue, como no primeiro dia em que ele a viu:

— Diga a coisa que você mais quer — ele falou abotoando a bermuda.  
— Uma latrina.  
Ela queria uma latrina. A coisa que mais queria na vida, ela e sua mãe, que vivia pelo mundo da maré para arrumar comida pras duas. Já não agüentava mais comer maçunin e caranguejo.(VIANA, p.41)

A vergonha de urinar e defecar em campo aberto configura-se em um dos poucos sentimentos capazes de impedi-la de ser reduzida à condição de animal irracional; sentimento que, contraditoriamente, a obriga usar seu corpo como moeda de troca para realizar o seu mais genuíno desejo: a latrina dos seus sonhos. No entanto, nem mesmo todo o vigor desse desejo fora suficiente para impedir que ela se submetesse passivamente, até sucumbir ao estado de quase demência: Dera agora para

fazer as necessidades rezando, as rezas que a mãe lhe ensinara quando menina<sup>7</sup> —, às perversões e caprichos sexuais do Jesus-Deus. Atitude que nos remete às proposições de Espinosa sobre o desejo: o pensador afirma ser este a própria essência do humano, mas apenas quando nasce da alegria é que contribui para fortalecer os homens, para alimentar-lhes a potência; quando o desejo nasce da tristeza, como no caso da menina, é fraco e, conseqüentemente, enfraquece os homens<sup>8</sup>.

O sexo precoce e violento a que a menina é submetida não se configura em um rito de passagem necessário e planejado pelos seus, como no caso do menino do conto anterior, mas sim em uma condição para que ela realize, não o seu maior desejo, mas o único que lhe parece factível naquele ambiente inóspito. Desprovida de tudo, a menina sequer consegue nomear outros desejos. O que para nós é espantosamente mais cruel do que a violência sexual.

Como não desejar bonecas, panelinhas, ou qualquer outro brinquedo, sendo apenas uma menina? Não nos causaria assombro se desejasse uma casa para ela e a mãe, ou mesmo uma mesa farta; entretanto, seu desejo é limitado pela situação de miséria, pela promiscuidade, pela falta de um mínimo de privacidade que a diferenciava dos caranguejos que ela recolhia. Por isso ela pede ao Jesus-Deus uma latrina, objeto que poderia devolver a ela e à mãe um pouco da humanidade perdida no lamaçal do mangue. E é a crença de que esse insólito desejo será atendido que a deixa tão vulnerável nas mãos daquele desconhecido, do qual só sabia da sua semelhança com o Jesus do calendário, motivo mais do que suficiente para acreditar que cumpriria a promessa.

Ele fez umas coisas diferentes da outra vez, e ela só não gostou do visgo que ficou entre as pernas. Depois ele disse que podia abrir os olhos e ela abriu e viu os olhos dele tão azuis e cheios de bondade que quis chorar. Ele tinha cara de quem ia mesmo construir sua latrina.(VIANA, p 42)

Depois de possuí-la, o homem sempre partia — sem, no entanto, esquecer de renovar a promessa de construir a tal latrina, coisa que nunca houve. Na sua ausência, a menina sonhava com o presente, imaginava que bom mesmo seria construí-lo dentro de casa, para imediatamente se dar conta de que não poderia realizar esse sonho, em

<sup>7</sup> Id, IBID. p. 42.

<sup>8</sup> SPINOSA, Benedictus. *Pensamentos metafísicos. Tratado da correção do intelecto. Tratado político. Correspondência*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 236. Col. *Os Pensadores*.

função da precária estrutura do barraco onde morava; incapaz até mesmo de sustentar uma mísera latrina.

No prefácio da única novela que o cientista Josué de Castro publicou, *Homens e caranguejos*,<sup>9</sup> ele discorre sobre a impressão que lhe causavam os homens que pertenciam à classe que ele chamava de “sociedade dos caranguejos” — homens anfíbios, alimentados desde a infância do leite de lama dos caranguejos; gente que vive chafurdada na lama, que urina e defeca nessa mesma lama; que é, foi ou vai ser caranguejo. No livro *Geografia da fome*<sup>10</sup> o mesmo cientista destaca que o trágico ciclo desse animal abriga o “resto do monturo humano”, como a menina da ficção de Viana, cujo horizonte só lhe permite vislumbrar a insólita felicidade de possuir uma latrina; possivelmente para, ao menos em momento tão íntimo, diferenciar-se dos tais crustáceos.

Enquanto esperava pela volta do homem, a menina habituou-se, todas as vezes que ia defecar, a pensar nele cumprindo a promessa. Um artifício, ainda que somente em sua imaginação, que a ajudava a concretizar a posse de sua latrina: Agora sempre que ia fazer suas necessidades, pensava nele. Ficava ali acocorada imaginando como seria a sua latrina. (Viana, p.40). O homem ainda voltou algumas vezes, mas nada de latrina. Até o dia em que a mãe da menina flagrou-o violentando a filha. Depois nunca mais:

Após muito esperar, ela entrou sozinha na sala do delegado e lá perguntaram coisas que ela nem sabia responder. Só sabia dizer que ele tinha os olhos azuis e uma barba de arame. Na sala fria para onde a levaram depois, mandaram que ela subisse numa cama estreita e veio um doutor que futucou, futucou e nem falou em latrina.(VIANA, p.46)

Numa espécie de simbiose com o ambiente, as personagens deste conto se encontram em flagrante estado de decomposição, como se a lama podre e os dejetos do manguezal fossem uma extensão de seus corpos. Urina, fezes, sangue e semem misturam-se à matéria orgânica do mangue não para gerar outras vidas, mas para degradar as que viviam por ali.

<sup>9</sup> CASTRO, Josué. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 13.

<sup>10</sup> CASTRO, Josué. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 224.

### 3. “NOVIDADE”

Trata-se do último conto de Viana analisado por este trabalho, e a intenção de deixá-lo para o final deve-se ao fato de que o mesmo encaixa-se perfeitamente como fecho desta análise sobre o lugar que a infância ocupa na obra do autor. Se, em uma primeira leitura, poderíamos dizer que neste conto Viana aliviou a mão no que refere às iniquidades que suas pequenas personagens são obrigadas a enfrentar, não podemos deixar de observar que o menino de “Novidade”, apesar de não se achar diretamente exposto a nenhuma situação de abandono ou mesmo de crueldade, transforma seu natural e previsível medo infantil de dentista em surpresa e quase felicidade, configurando-se em mais um dado insólito da sua condição social de menino pobre.

É essa condição que o leva a receber como grande novidade a necessidade de ir ao dentista, sobretudo porque, para ele, seria aquela a primeira vez que usufruiria do direito de freqüentar um lugar tão limpo e cheiroso como aquele. Nesse sentido, o sentimento de felicidade que se apossa do menino é tão ou mais insólito do que o inusitado desejo da protagonista de Barba de Arame, e com ele pode dialogar. Ao passo que para uma criança em condições econômicas superiores a dele, uma corriqueira ida ao dentista, quando muito, somente poderia provocar grande pavor.

Tudo branco, uma moça linda, de branco, e dela vinha um cheiro bom, bem diferente do cheiro, também bom, do curral das vacas. E havia um friozinho como ele jamais pensara existir no mundo..(VIANA, p. 49)

A marca mais forte e cruel da pobreza do menino é a condição em que seus dentes se encontram. As inúmeras “panelas” não podiam mais ser tratadas com paliativos — gaiacol e folha de muçambê —, tamanhos eram os buracos provocados pelas cáries. Por conta dessa pobreza, não havia outra saída que não a extração dos dentes:

Em sua boca quase todos eram panela. Doíam tanto que não tinha mais gaiacol que desse jeito. Folha de muçambê era o mesmo que nada. Já tinha acabado com todos os pés.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Idem, *Ibid.*

E mesmo diante da dor que as investidas do dentista provocava em sua boca, o menino achava tudo uma grande novidade. Ainda que não fosse boa, não deixava de ser novidade. Arrancou dois dentes, ameaçado pelo dentista de, na semana seguinte, arrancar mais dois; mas, ainda assim, aquele insólito passeio continuava a ser a única novidade na vida dele.

De um certo modo, para nós leitores, do ponto de vista da narrativa, essa situação também não deixa de ser uma grande novidade, principalmente se comparada ao processo de violação da menina de Barba de Arame, ou ao sentimento de abandono do menino do primeiro conto. Neste caso, o elemento externo que provoca a dor do menino é o mesmo que o faz alegrar-se. Na verdade, ele só consegue atingir o estado de alegria por causa da dor. Naquele ambiente inóspito, só ela foi capaz de proporcionar-lhe a alegria da descoberta das coisas novas.

#### **ALGUMA CONCLUSÃO**

Antonio Carlos Viana, assim como Graciliano Ramos, além de não perder a dimensão crítica do seu papel de escritor frente à insólita e inóspita realidade nordestina, elabora uma narrativa onde não há lugar para o discurso pitoresco, para o clichê, tampouco para as representações panfletárias do real, muito provavelmente por conta de sua proximidade solidária com a dor narrada. Além disso, sua capacidade de captar o insólito daquele cotidiano miserável e transformá-lo em matéria de ficção, o coloca no lugar de um arguto observador daquela realidade.

Ao tratar da perda da inocência, Viana, por subtração, nos obriga a pensar no conceito de infância que até hoje paira sobre o imaginário contemporâneo, cuja origem remonta à Idade Moderna européia — quando, por volta do século XVII, países como França e Inglaterra, diante de tantas atrocidades cometidas contra crianças se viram obrigados a cuidar delas. De adultos em miniatura, passaram a ser encaradas como pequenos seres que deveriam ser moldados e educados para viver em sociedade — sobretudo porque, para muitos pensadores da época, como Locke, a criança não era um ser civilizado. Necessitava, portanto, da orientação dos adultos para que pudesse penetrar no mundo. Locke as via como seres amorfos, uma folha em branco que precisava ser escrita. Para Locke, a educação ideal era aquela capaz não só de ensinar o autocontrole, mas de incutir o sentimento de vergonha entre os pequenos para que

pudessem compartilhar, no futuro, do mundo dos adultos, já que ele os via como adultos em potencial, ou ainda, como um meio para alcançar um fim.

Um século depois de Locke ter publicado *Da educação das crianças*, Rousseau, na França, para conceituar a infância, recorreu à metáfora da natureza, da planta que deveria crescer de forma orgânica e natural, sem a interferência do processo educativo<sup>12</sup>. Para ele, a criança deveria tornar-se uma flor saudável, em estado natural — concepção coerente com a sua teoria do “bom selvagem”. Rousseau defendia que a criança precisava ser encarada como um ser importante em si mesmo, e não como um meio para que se alcançasse um fim, como pensava Locke. Para ele, a infância era o estágio da vida em que o homem mais se aproximava do “estado de natureza”. Esta concepção foi extremamente importante para que as sociedades forjassem um novo conceito de infância, e foi a partir dela que virtudes como espontaneidade, pureza, vigor e alegria puderam ser reconhecidas e cultuadas como valores importantes e intrínsecos do comportamento infantil.

Apesar de concepções divergentes no que se refere à educação de crianças, tanto Locke quanto Rousseau concordavam que a orientação deveria ser dada pelos adultos. Para Rousseau, a criança era a própria natureza, e deveria ser preservada como tal, ao passo que para Locke ela deveria tornar-se um livro variado e exuberante, escrito pelos adultos.

Para Norbert Elias,<sup>13</sup> quando o conceito de infância desenvolveu-se, a sociedade começou a colecionar uma série de segredos que deveriam permanecer longe das crianças: as relações sexuais, a violência, a morte, o dinheiro, as doenças e os conflitos nas relações sociais. A criança precisou ser treinada para penetrar no mundo dos adultos, e isso foi feito através da escola e do livro.

No entanto, tais concepções não servem como medida para aferir os cuidados que a família do menino — conduzido pelas mãos do pai para viver sua primeira experiência sexual —, dispensa a ele; tampouco nos parece que Luana — a protagonista de *Barba de Arame* — e o quase feliz menino de *Novidade* estivessem sendo preparados para tornarem-se um livro variado e exuberante, como pretendia Locke.

---

<sup>12</sup> POSTMAN, Neill. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.

<sup>13</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Nos parece óbvio que essa construção de infância não dá conta de explicar a infância retratada na ficção de Viana, que se configura como representação de uma parcela muito significativa de crianças da nossa sociedade, sobretudo porque a situação de indigência em que estão inseridas exige soluções de ordem prática, capazes de devolver-lhes, em primeiro lugar, o que tem de mais importante: a condição humana. Nenhum discurso filosófico ou pedagógico, por mais bem intencionado que seja, será suficiente para forjar tais soluções, tampouco para engendrar uma idéia única de infância condizente com a nossa realidade.

Muito embora sejam crianças as personagens principais dos contos analisados aqui, nenhum de seus narradores faz menção a escolas, brinquedos, livros, ou qualquer outro signo que aproxime a infância de um rascunho de dignidade para a existência humana. Partindo da premissa de que na modernidade foi a escola quem redefiniu um novo lugar para a infância, cabe considerar se são mesmo crianças as pequenas personagens da ficção de Viana, ou se estamos diante de novos adultos em miniatura, como aqueles que habitavam a Europa na Idade Média e a Inglaterra durante a Revolução Industrial.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN**, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994
- CASTRO**, Josué. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.
- \_\_\_\_\_. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- ELIAS**, Norbert. *O processo civilizador*, vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FAUSTO**, Boris (org.) *História Concisa do Brasil*. Edusp: 2008
- FISCHER**, Ernest. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar. 1977.
- FREUD**, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. *Obras Completas*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. 1997.
- FREYRE**, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 425.
- GIRARD**, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- KONDER**, Leandro. *As artes da palavra*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- POSTMAN**, Neil. *O desaparecimento da infância*. São Paulo: Graphia, 1999.
- VIANA**, Antonio Carlos. *No meio do mundo e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Aberto está o inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e Morte no Sertão: Histórias das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática, 2000.